CORREIO BRAZILIENSE

Publicado em 25/07/2022 - 05:56

Convocação contra "surdos de capa preta"

ELEIÇÕES 2022

Na convenção nacional do PL que o oficializou como candidato à reeleição, Bolsonaro volta a atacar ministros do Supremo Tribunal Federal e chama apoiadores para "irem às ruas pela última vez" no 7 de Setembro

Convocação contra "surdos de capa preta"

• RAPHAEL FELICE

O presidente Jair Bolsonaro (PL) voltou a atacar ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) e convocou apoiadores para protestar no 7 de Setembro contra os "surdos de capa preta". A ofensiva ocorreu durante a convenção do PL, ontem, no Rio de Janeiro, que oficializou a candidatura do chefe do Executivo à reeleição.

"Nós somos a maioria, somos do bem e temos disposição para lutar por liberdade e pátria. Convoco vocês agora para que todo mundo vá às ruas no 7 de Setembro pela última vez. Vamos às ruas pela última vez. Esses poucos surdos de capa preta têm de entender o que é a voz do povo e entender que quem faz as leis são o Executivo e Legislativo", discursou, no Ginásio do Maracanãzinho. "Todos têm de jogar dentro das quatro linhas da Constituição, interessa para todos nós. Não queremos o Brasil dominado por outra potência e temos outras poucas potências de olho no Brasil. O que queremos: paz, tranquilidade, respeito à Constituição."

Bolsonaro enfatizou que ele e todos os demais militares juram "dar a vida pela pátria". "Esse é o nosso exército, Braga Netto, o povo. Um exército que não admite corrupção, não admite fraude, quer respeito e vai ter. É um exército com 210 milhões de pessoas. Não ousem tocar na liberdade do meu povo", bradou, se dirigindo ao general Braga Netto, anunciado como vice na chapa para as eleições de outubro.

O chefe do Executivo também criticou o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva — líder nas pesquisas de intenção de voto — e lideranças esquerdistas da América Latina. "Todos os dias, quando levanto, tenho uma notícia: dobro os joelhos, rezo o Pai nosso e peço a Deus que esse povo brasileiro nunca experimente as dores do comunismo", enfatizou.

No discurso, Bolsonaro também destacou feitos do governo e elogiou ex-ministros que serão candidatos em outubro, como o ex-juiz Sergio Moro (União Brasil-PR), que foi exonerado do cargo em abril de 2020 e, depois, tornou-se um dos principais críticos do presidente, e o ex-ministro da Infraestrutura Tarcísio Freitas (Republicanos), que deixou a pasta em março para disputar o governo de São Paulo.

MAURO PIMENTEL

Bolsonaro e Michelle no evento no Maracanãzinho: acenos especiais a jovens e mulheres, segmentos em que o presidente sofre forte rejeição

> Esses poucos surdos de capa preta têm de entender o que é a voz do povo e entender que quem faz as leis são o Executivo e o Legislativo. Todos têm de jogar dentro das quatro linhas da Constituição"
>
> **Jair Bolsonaro,** presidente da República

"Ponto alto"

O marketing da campanha celebrou a participação de Michelle Bolsonaro no evento. Um auxiliar do presidente classificou o discurso da primeira-dama como o "ponto alto" da convenção.

Mulheres

O discurso de Bolsonaro estava marcado para as 11h22 (em referência ao número do partido, 22), mas, nesse horário, o pastor e deputado federal Marco Feliciano (PL-SP) fazia uma oração. O chefe do Executivo iniciou sua fala às 11h30 e passou o microfone, um minuto depois, para a primeira-dama Michelle, após citar a passagem bíblica sobre "mulher virtuosa".

Durante o discurso que durou 13 minutos, Michelle acenou ao público feminino, no qual o mandatário sofre forte rejeição. "Falam que ele não gosta de mulheres e de fato o presidente da história que mais sancionou leis para a proteção das mulheres. Foram 70 leis de proteção. Falam que ele não gosta de mulheres, mas ele sancionou a lei que dá a mães de filhos com microcefalia o direito ao BPC (Benefício de Prestação Continuada). Quando ele leva água para o Nordeste, está cuidando da mãe, da dona de casa. A mãe que leva o bebê, a bacia na cabeça para fazer alimento e dar banho nos filhos", sustentou a primeira-dama.

Michelle fez diversas referências a passagens bíblicas e lembrou da facada sofrida por Bolsonaro na campanha de 2018. Disse que o marido é um "escolhido por Deus". "Foi a preço de sangue estarmos aqui. Deus ama esta nação, ela é abençoada, ela é próspera e rica. Ela só foi mal administrada", disse. "Ele é um escolhido de Deus. Esse homem tem um coração puro e limpo. A reeleição não é por um projeto de poder, como muitos pensam. Não é por status, porque é muito difícil estar desse lado. A reeleição é por um propósito de libertação e cura para o Brasil."

Jovens

Além do público feminino, Bolsonaro sofre forte rejeição entre jovens. Na convenção, ele usou declarações de Lula sobre a regulação dos meios de comunicação para tentar demover o eleitorado de 16 a 24 anos de votar no petista.

"O jovem de esquerda, como quase todos, tem um telefone celular. Temos de dizer para o jovem de esquerda que seu candidato prega controle social da mídia, diz que quer regulamentar as mídias. Temos de dizer a esse jovem que, em países como Coreia do Norte e Cuba, a internet só é acessada para você ver conteúdos do governo. Não tem liberdade. Você quer perder liberdade nas redes sociais?", questionou.

Ausência de filhos expõe divergências

Filhos do presidente Jair Bolsonaro (PL), o vereador Carlos Bolsonaro (Republicanos) e o deputado federal Eduardo Bolsonaro (PL-SP) faltaram à convenção nacional do PL que oficializou a candidatura do pai à reeleição.

A ausência deles expôe divergências nos bastidores da campanha. Carlos e Eduardo são mais ligados à base ideológica de apoiadores do presidente. Eles praticamente ignoraram conteúdos sobre a convenção nas redes sociais. A única postagem do vereador relacionada à convenção foi uma resposta ao ex-deputado Jean Wyllys. Dos Estados Unidos, Eduardo compartilhou um link para o evento.

Carlos segue à frente do controle de perfis do chefe do Executivo nas redes sociais, mas tem agora a companhia do publicitário Sérgio Lima na função, que faz a ponte no comitê de campanha. Ele já reclamou publicamente da condução do marketing, tendo como alvo a equipe de confiança do PL, mas Flávio Bolsonaro (PL-RJ), senador e um dos coordenadores da campanha do pai, minimizou a disputa entre eles. Eduardo não tem uma função específica.

Além da ausência de filhos de Bolsonaro, o presidente nacional do Republicanos, Marcos Pereira, partido que integra a aliança eleitoral do Palácio do Planalto, não compareceu, algo incomum em convenções nacionais dessa magnitude.

Ministros palacianos da ala militar, Augusto Heleno (Gabinete de Segurança Institucional) e Luiz Eduardo Ramos (Secretaria-Geral da Presidência) não foram ao megaevento no Maracanãzinho.

Um dos fiadores de Bolsonaro junto ao mercado financeiro, o ministro da Economia, Paulo Guedes, não compareceu, bem como o ministro da Defesa, Paulo Sérgio Nogueira de Oliveira. Em meio ao clima festivo do evento, que reuniu milhares de apoiadores do presidente, as ausências chamaram a atenção.

Bolsonaro e seu vice na chapa, general Braga Netto, entraram no ginásio acompanhados das esposas e de Flávio Bolsonaro, que integra o núcleo político da campanha à reeleição, ao lado de Braga Netto e de nomes como o presidente do PL, Valdemar Costa Neto, o marqueteiro Duda Lima e José Trabulo, homem de confiança do ministro da Casa Civil, Ciro Nogueira.

Espaços vazios

Os apoiadores do presidente encheram o Maracanãzinho, mas o ginásio não estava lotado. Havia uma série de assentos não ocupados na arquibancada e espaço na área de militantes mais próxima ao palco, onde foi possível assistir à convenção de pé.

O ginásio tem capacidade para 11.800 pessoas sentadas e, pelos cálculos do partido, havia pouco menos de oito mil no setor. Ao todo, segundo o PL, havia 12 mil pessoas presentes, mas esse cálculo inclui imprensa, prestadores de serviço, membros do partido, políticos e autoridades. As filas começaram antes das 8h e, enquanto o presidente começava a discursar, os últimos militantes ainda ingressavam no ginásio.

Um dos momentos mais intensos foram os aplausos ao deputado Daniel Silveira (PL-RJ), ícone da ala ideológica, que foi condenado pelo Supremo e perdoado por Bolsonaro. Ele foi ovacionado, enquanto houve vaias misturadas a aplausos para o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL) e para o senador Romário (PL-RJ). Lira, porém, foi anunciado como "o parceiro de Bolsonaro" — ele vestia uma camisa azul com a frase: Bolsonaro 22.

Mauro Pimentel/AFP

Lira veste a camisa de Bolsonaro no evento, ao lado de Flávio

ELEIÇÕES 2022

Integrantes das Forças Armadas, que loteiam o governo federal, ganham ainda mais evidência neste pleito e, para tentar reeleger Bolsonaro, até fazem coro às teorias conspiratórias disseminadas pelo presidente

Militares na linha de frente

• LUANA PATROLINO

O presidente Jair Bolsonaro (PL) nunca escondeu o alinhamento ideológico com as Forças Armadas. Desde a época em que era deputado, o chefe do Executivo afirmava ter como objetivo prioritizar as pautas militares. Ao concorrer pela primeira vez ao Planalto, escolheu o general Hamilton Mourão (Republicanos) como vice. Agora, na disputa pela reeleição, terá outro general da reserva como postulante a vice, Walter Braga Netto, ex-ministro da Defesa e da Casa Civil.

Num evennual segundo mandato de Bolsonaro, a tendência é de que os militares continuem em posições-chaves no governo. Além de escolher novamente um militar como vice, o presidente tem confiado à classe missões importantes para tentar garantir a continuidade da gestão.

O Poder Executivo passou a ter mais militares ocupando cargos na administração pública federal com o início do mandato de Bolsonaro. Um relatório do Tribunal de Contas da União (TCU), do ano passado, mostrou que no governo federal mais que dobrou a presença de militares em cargos até então ocupados por civis.

De acordo com o TCU, no último ano da gestão do então presidente Michel Temer, 2.765 militares ocupavam funções no Executivo federal. Em 2019, no primeiro ano do governo Bolsonaro, o número estava em 3,5 mil. Já a reeleição não é por um projeto de poder, como muitos pensam. Não é por status, porque é muito difícil estar desse lado. A reeleição é por um propósito de libertação e cura para o Brasil."

FABRIZIO SA

O vice Hamilton Mourão não concorrerá à reeleição, mas a chapa do presidente terá outro militar como candidato ao posto, Braga Netto

Legislativa, destacou o alinhamento político-ideológico do presidente com os militares, baseado, principalmente, nas pautas conservadoras, além da própria formação militar do chefe do Executivo. "Captaram setores das Forças Armadas que tendem a apoiar uma agenda conservadora, como ele (Bolsonaro) apresenta", afirmou.

Para o especialista, o presidente continuará alinhado com a classe. "Setores da sociedade compram esse discurso de que os militares têm a melhor agenda para o país. E ele consegue vender isso. Quando coloca Mourão e, quatro anos depois, Braga Netto como vice, é porque deu certo, e dobrou a aposta. Na minha avaliação, entre os dois, Braga Netto é muito mais radical do que o atual", observou.

Negativo

Marcelo Pimentel — oficial do Exército na reserva e mestre em ciências militares pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército — ressalta que o protagonismo dos militares no governo federal é negativo e vem refletindo nas pesquisas de intenção de voto para as eleições de outubro.

"É péssimo sob qualquer ótica que se possa observar. Isso não é o meu achar. Basta ver o protagonismo muito claro no governo pela quantidade de militares, pela projeção política. A aprovação do governo é baixíssima", frisou. "Considerando, também, comparar os demais presidentes que concorreram a mandatos, em nenhum caso o presidente em exercício tinha uma posição desvantajosa em relação ao desafiante", acrescentou, numa referência ao fato de o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) aparecer na liderança das pesquisas, com Bolsonaro em segundo lugar.

O cientista político Leandro Gabiati apontou o histórico de interferência dos militares em temas da administração pública. "As Forças Armadas têm autonomia e opinam, dão palpite e se manifestam em assuntos que deveriam estar limitados à sociedade civil", disse. "É uma particularidade da nossa democracia. A gente teve o regime militar, que se estabeleceu por 29 anos e que ainda administrou o próprio regime democrático. Essa é uma característica do nosso regime político."

Eleições

Bolsonaro também tem usado as Forças Armadas para encampar suas teorias conspiratórias sobre o processo eleitoral. Ele chegou a sugerir que os militares fizessem uma apuração paralela dos votos, e causou mais tensão entre os Poderes.

O ministro da Defesa, Paulo Sérgio Nogueira, tem sido um agente importante nessas ações. Apesar de afirmar que os militares não querem ser protagonistas, mas que participam do tema porque foram convidados pela Justiça Eleitoral, ele endossa os pedidos de Bolsonaro para que as Forças Armadas façam apurações paralelas e auditorias das urnas eletrônicas.

O PowerPoint apresentado por Bolsonaro na reunião com embaixadores estrangeiros, na semana passada, no Palácio da Alvorada, foi elaborado com o auxílio do tenente-coronel Mauro Cid, chefe da Ajudância de Ordens da Presidência. O militar é alvo de uma investigação que tramita no STF por vazamento de dados sigilosos de um inquérito sobre ameaças às urnas eletrônicas.

Para Marcelo Pimentel, o excesso de interferência dos militares no governo torna o país instável. "O Brasil, que deveria ser o motivo de estabilidade regional, passa a ser visto como um possível foco de instabilidade. Basta ver o evento com os embaixadores, com os representantes dos chefes de Estado. O vexame internacional protagonizado por um capitão do Exército, numa apresentação em PowerPoint feita pelo seu ajudante de ordem", criticou.

A análise do advogado constitucionalista Guilherme Amorim Campos da Silva é de que os militares estão agindo fora dos limites constitucionais. "Os anteriores convites para seus representantes apresentarem sugestões não os legitimam, em hipótese nenhuma, a garantirem abertamente a confiabilidade do processo eleitoral e o sistema das urnas eletrônicas", ressaltou. "As Forças Armadas constituem uma instituição de Estado, e não de governo, que estão a serviço do presidente da República para politizar o debate."

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Política **Pagina:** 2 e 3

Copyright © Clipclap 2025.